

Meditações: terça-feira da 19ª semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da 19ª semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: ser crianças que necessitam dos outros; a lógica da brincadeira; os pobres mostram-nos Deus.

- Ser crianças que necessitam dos outros
- A lógica da brincadeira
- Os pobres mostram-nos Deus

SÃO MATEUS recolhe cinco grandes discursos de Jesus no seu Evangelho. Um deles começa com uma pergunta que os seus discípulos lhe fazem: “Quem é o maior no reino dos céus?” (Mt 18, 1). O Senhor responde com um exemplo vivo: “Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles e disse: Em verdade vos digo, se não vos converterdes, e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 18, 2-3). Diante de um público que talvez estivesse à procura de ganhar méritos para ter uma posição privilegiada junto do Mestre, Cristo desmonta toda a lógica humana. Não são os nossos sucessos que nos asseguram um lugar de honra no Reino, mas a luta por nos tornar como crianças e aceitar com humildade os nossos limites. As crianças vivem abandonadas, com confiança de que os adultos solucionarão os problemas que surgirem e despreocupadas com a

sua reputação. Os pequenos entendem que a sua verdadeira riqueza é a que recebem de Deus e dos outros.

Se observarmos como se comportam as crianças, podemos ver que procuram em primeiro lugar a atenção dos adultos. “Elas devem estar no centro, porquê? Porque são orgulhosas? Não! Porque têm necessidade de se sentir protegidas. Também nós temos a necessidade de pôr Jesus no centro da nossa vida”^[1]. Uma criança sabe que, por si só, não pode fazer nada. À medida que cresce, vai obtendo uma maior independência, e muitas, quando chegam à adolescência, passam para o extremo oposto: pensam que são autossuficientes e que não precisam dos outros. O passo seguinte de maturidade consiste em reconhecer que as pessoas que estão junto de nós têm muito a oferecer-nos: sem elas não seríamos a mesma pessoa.

Na nossa vida interior pode acontecer algo parecido.

Aprendemos a nos relacionar com Deus graças aos nossos pais, a um catequista ou a um sacerdote. Talvez pensemos que chegará um momento em que não precisaremos mais da ajuda dos outros. Neste sentido, São Josemaria comentava que os grandes erros que cometem os homens “procedem sempre da soberba de nos crermos adultos, autossuficientes. Nesses casos, torna-se predominante na pessoa uma espécie de incapacidade de pedir ajuda a quem a pode dar: não só a Deus, mas também ao amigo ou ao sacerdote. E aquela pobre alma, isolada na sua desgraça, afunda-se na desorientação e no descaminho”^[2]. Por isso, o fundador do Opus Dei recomendava fomentar o desejo de ser como as crianças para que a própria vida seja grande: “Que sejais, espiritualmente, muito crianças! Quanto mais, melhor. Di-lo

a experiência deste sacerdote que teve de se levantar muitas vezes, ao longo destes trinta e seis anos (que longos e ao mesmo tempo, que curtos me parecem!) em que tem procurado cumprir uma Vontade precisa de Deus. Houve uma coisa que sempre me ajudou: ser criança, e meter-me continuamente no regaço de minha Mãe e no Coração de Cristo, meu Senhor”^[3].
—.

.....

SE OBSERVARMOS novamente como são as crianças, podemos descobrir outro aspecto da sua maneira de ver a vida: gostam muito de brincar. E muitas vezes não se conformam com brincar com os da sua idade, mas querem que os seus pais participem na brincadeira. Isto, para um adulto, supõe abandonar a própria lógica e *voltar a ser pequeno*. “Se quisermos que ela se divirta, é necessário

perceber do que gosta e não ser egoístas”^[4]. De certo modo, implica deixar de lado as preocupações pessoais – provavelmente muito mais urgentes do que esse jogo – e pensar naquilo que o filho espera nesse momento do seu pai ou da sua mãe. Podemos também desenvolver esta atitude com as pessoas que estão ao nosso redor. Quando temos um detalhe de serviço ou de afeto para com uma pessoa estamos seguindo *a lógica da brincadeira*: identificamos o que a outra pessoa pode precisar e tentamos satisfazê-la.

Às vezes, efetivamente, pode não ser simples encontrar tempo para *brincar*, ou seja, para ter essas atenções para com os outros. No entanto, São Josemaria entendia que essas manifestações de apreço têm uma importância decisiva para alcançar a própria felicidade e a dos outros. Por isso animava os seus filhos: “Não me importo de repetir

isso muitas vezes. De carinho, todas as pessoas necessitam, e nós também necessitamos na Obra. Esforcem-se para que, sem sentimentalismos, sempre aumente o afeto pelos seus irmãos. Qualquer coisa de outro filho meu deve ser – realmente! – muito nossa: no dia em que vivermos como estranhos ou como indiferentes, teremos matado o Opus Dei”^[5]. O esforço por pensar nos que nos rodeiam, além de nos encher de alegria, ajuda-nos a reconhecer que o Senhor é o primeiro que *brinca* conosco. “Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”^[6].

EM BOA medida, podemos reconhecer Deus nas pessoas que, de um ponto de vista meramente material, parece que têm pouco a oferecer: as crianças, os doentes, os idosos... Neste sentido, São Josemaria dizia: os pobres “são o meu melhor livro espiritual e o motivo principal das minhas orações. Dói-me a sua dor, e dói-me o sofrimento de Cristo neles. E, porque me dói, compreendo que O amo e que os amo”^[7]. Desde o começo do seu trabalho pastoral que o fundador do Opus Dei tinha consciência desta hierarquia proclamada por Jesus. “– Criança. – Doente. – Ao escrever estas palavras, não sentis a tentação de as pôr com maiúscula? É que, para uma alma enamorada, as crianças e os doentes são Ele”^[8]. Essas palavras surgem da sua experiência de cuidar dos necessitados no patronato de Santa Isabel, em Madri, na década de 1930.

O cuidado com os mais fracos nos aproxima do Senhor. Em primeiro lugar, porque tudo o que fazemos por eles é como se o fizéssemos ao próprio Deus: “Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). De certo modo também nos *divinizamos*, pois seguimos o mesmo estilo de vida de Jesus – “não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20, 28) –, e nos tornamos seus *embaixadores*, pois levamos o conforto de Deus à outra pessoa. Isso também nos faz ter um coração semelhante ao do Senhor, que ama sem esperar nada em troca. É verdade que materialmente, essas pessoas podem nos dar pouco, mas na realidade nos dão o que é mais importante: elas nos mostram o próprio Deus.

“Dar a alguém todo o seu amor nunca é garantia de que ele o amará

de volta”, comentava Santa Teresa de Calcutá, “mas não espere ser amado de volta; espere só que o amor cresça no coração da outra pessoa, mas se não crescer, fique feliz porque cresceu no seu. Há coisas que você gostaria de ouvir, que nunca ouvirá da pessoa de quem gostaria de ouvir, mas não seja tão surdo a ponto de não ouvi-las de quem as diz de coração”^[9]. Em muitas ocasiões, a criança, o doente ou o idoso de quem cuidamos não nos manifestará explicitamente o seu agradecimento. Mais uma vez, eles nos oferecem outra possibilidade de nos tornarmos semelhantes a Deus, pois Ele também nos dispensa o seu carinho constante, apesar de não percebermos. A Virgem Maria pode nos ajudar a ter um coração de mãe, que não tem medo de se entregar às pessoas que ama.

[1] Francisco, Audiência, 30/12/2015.

[2] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 147.

[3] *Ibid.*

[4] Francisco, Audiência, 30/12/2015.

[5] São Josemaria, AGP, biblioteca, P01, citado em Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 9.

[6] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 18.

[7] São Josemaria, *Sulco*, n. 827.

[8] São Josemaria, *Caminho*, n. 419.

[9] Santa Teresa de Calcutá, *Pobre entre los más pobres*, Ediciones Paulinas, 2003, p. 31.

opusdei.org/pt-br/meditation/
meditacoes-terca-feira-da-19a-semana-
do-tempo-comum/ (22/12/2025)